

Nossa tática para com o Partido

No nosso primeiro numero justificamos perfeitamente o aparelhamento deste jornal. Agora vamos definir mais detalhadamente a nossa posição para com o Partido. Não visamos combater o P. C., declaramos logo no nosso artigo de apresentação, "porque o que urge é reintegrá-lo na linha que se traçou por ocasião da sua fundação, de modo que o seu rotulo verdadeiro passe a ser a expressão revolucionária de uma realidade". É dispensável uma definição de princípios de nossa parte: entre o comunismo e toda e qualquer outra forma política não há posição intermediária. Entre os dois é preciso escolher. Comunistas somos, comunistas continuamos, apesar da burocracia oficial do Partido que dia a dia vai esquecendo mais os princípios e os dados fundamentais da actividade marxista revolucionária.

Somos um núcleo de resistência á degenerescência burocrático-ideológica que infelizmente se vem alastrando pouco a pouco por todo o organismo da Internacional. Somos uma reacção de vida, que se alimenta da seiva rica dos princípios estabelecidos pela I. C. nos seus quatro primeiros Congressos e que serviram de alicerce á fundação e desenvolvimento do P. C. B. Nada esperamos dos métodos de bluff e corrupção que reinam soberanos no Partido. Eis porque não queremos abandonar a esta burocracia o terreno da luta comunista. Estaremos sempre e por toda a parte em que o Partido entra, traremos organização ou onde os operários se dirigiam ao Partido. Continuaremos dentro do Partido, quando podermos ficar, fora dele, quando excluídos — mas sempre, em qualquer emergência, ficaremos onde estiverem operários revolucionários. Isto quer dizer que onde quer que o Partido não esteja, ou haja desaparecido, por desorganização ou desercção, nós devemos estar, e onde o quisier.

No Partido, o nosso primeiro dever é lutar sem tregua: contra os erros constantes da direcção. E o de trabalhar com os nossos camaradas da base em todas as lutas contra a burocracia, mas denunciando sempre, toda vez que for necessário, a tática falsa do aparelho dirigente. E o de mostrar como a famosa auto-crítica é uma auto-tapeação, cujo unico objectivo é livrar a direcção de ser chamada á responsabilidade pelos erros cometidos.

Os erros secundários são criticados com espalhafato, mas os erros principais que felseim toda a linha politica geral e são capazes de levar o Partido á garra, estes não são nem apontados, continuam na plena virulência de seus maldictos. Nossa tarefa aqui é a de denunciar os intransigentemente, pugando pela liberdade de discussão dentro dos quadros leges do Partido.

Que ninguém seja mais expulso do Partido por crime de opinião. Pela democracia interna! O famoso argumento da disciplina não deve vir depois da discussão livre, desassombrada, completa, em todas as questões em litigio, sejam minuciosamente estudadas, analisadas, reanalisadas ponto por ponto, de modo que depois de tudo isso se tenham dados completos e satisfatórios para, sem o menor constrangimento, se formular legitimamente uma convicção. Então, sim, tem todo cabimento o apello á disciplina. É a nossa disciplina comunista, que é de ferro porque foi forjada na forja candente da liberdade de opinião. Diferre da catholica, porque não é passiva, não humilha a personalidade, não é imposta pelo sentimento desvirilizado da impotencia humana frente á natureza. É opposta á da esquerda porque não é automática, não suprime a personalidade, nem faz desta um boneco e nem é imposta pela força.

A nossa disciplina é a disciplina do homem livre, que consentindo nella, livremente, sente-se mais forte, sente mais aguçado ainda o nobilitante sentimento da dignidade humana. Onde falhem energias moraes suficientes para elementar uma convicção, não há disciplina comunista possível. É preciso, pois que se creem sempre o melhor propicio a gerar esta convicção, e estes são os dados pela discussão livre, de igual para igual, sem con-

A Luta de Classe

ORGÃO DO GRUPO COMMUNISTA LENINE

NUM. 2

RIO DE JANEIRO,

JUNHO DE 1930

ANNO I

transigência e sem chantagem, sem reserva alguma. Sem liberdade de opinião não se pode falar em disciplina, pois esta então se transforma, como se transformam, no mais formidável instrumento de domínio da burocracia sobre o Partido, no mais monstruoso e insalvável sugador de toda a seiva ideológica do Partido. E é assim que o Partido morre de inanção, depois de se arrastar na mais abjecta vida vegetativa. Camaradas do Partido! acordade de tanta passividade com que vos intoxicarão. Combatamos logo a isto, fraternalmente, pelo reforço do nosso Partido.

Para do Partido, devemos procurar nuclear todos os elementos operários que disporsarmos, ou por que foram expulsos arbitrariamente do P. C. ou porque cingaram a luta de despendidos pelo fracasso systemático do aparelho dirigente. Por esta forma evitamos que estes elementos se percam para o movimento comunista, que já não é nada rico de forças e para a luta em comum, inessante e mais do que nunca necessaria contra a burocracia. Nossa tarefa aqui é pois organizá-los, ideologica e politicamente.

As perspectivas imediatas para o nosso trabalho são diffíceis de prever. Mas o que se pode desde já afirmar é que dependem em grande parte do desenvolvimento da crise do Partido, que, por sua vez, é preciso que se diga, reflecte em parte a crise que está lavrando por toda a Internacional. Sob a pressão das circunstancias poderá haver uma reacção espontânea por parte dos proprios operários conscientes. Essa reacção tem a possibilidade de agora é prenuncio disso. Mas o factor que depende de nós é o de aumentar de importância a influencia do nosso grupo sobre a politica do Partido. O que é absolutamente imprescindível para nós e para a luta toda e parte em que for possível e quando as circunstancias não são os exilium como o permittem. Assim nosso esforço deve visar antes de tudo conhecer os camaradas do Partido da justiça de nosso ponto de vista, combatendo homem a homem com elles nas lutas operarias e mostrandolhes, sempre que a occasião se apresente, quaes são os erros da direcção e para onde elles arrastam o Partido.

Nós nos dirigimos pois aqui a todos os camaradas do Partido, dizendo-lhes:

Continue a lutar dentro do Partido, ao nosso lado, contra a burocracia dirigente! Contra o narodnikismo inepto! Contra o bluff da radicalização! Pela democracia interna! Lede A luta de classe.

Aos camaradas de fórn do Partido, dizemos:

Vinde lutar com o Grupo Comunista Lenine; regeite as agrupamentos anarquistas, socialistas demotocáticos, liberalbancos. O logar do operário revolucionário, não excluído do Partido, é nas fileiras da opposição, contra a burocracia, contra todos os desvíos socialistas, reformistas, menchevistas, kuomintangistas, contra os liquidadores da direcção!

Quando a nós, absolutamente integrados com os princípios do marxismo revolucionário, discipulos conscientes de Lenine, cujos ensinamentos seguimos sem idolatria, com o senso crítico alerta, rigorosamente dentro da linha bolchevista traçada pela I. C., nos seus primeiros congressos — não há formalidade burocrática que tenha a força de nos avançar do seio do comunismo. Independentemente de serem excluídos do mecanismo administrativo-funcional do Partido, não estamos, porém, fora dello, nem quanto á sua função historica nem quanto á sua actividade politica quotidiana. Pelo contrario, com a nossa critica severa e impetuosa, rigorosamente marxista, rigorosamente de classe, rigorosamente revolucionaria, que não vem de safardamente ao colcho para não ver a realidade como ella é e que não se deixa corromper para continuar na graça do poder, com a nossa inflexível lucidez leninista, estamos cada vez mais dentro del-

BLOCO OPERARIO OU PARTIDO COMMUNISTA?

O presidio do Partido Comunista lançou ha dias um manifesto, em que se attribue o fracasso de 1.º de Maio aos erros technicos na organização do comício e apresenta a candidatura do dr. Paulo de Lacerda á vaga de intendente no Conselho Municipal.

Apresenta a candidatura de Paulo de Lacerda dizemos mal, porque não se sabe si a apresenta o presidio signatario do manifesto ou se o Bloco Operario e Campeões.

Quem lêr o manifesto fica numa dúvida cruel. Terá o Bloco Operario e Campeões delegado poderes ao Partido Comunista para falar em seu nome? Terá o Partido passado por cima da direcção do Bloco? Será que o presidio do partido seja a mesma commissão dirigente do Bloco?

Será que Partido Comunista e Bloco Operario e Campeões constituam uma unica organização com dois nomes diferentes? Para que, porém, os dois nomes?

Não se pôde deixar de formular todas estas perguntas tendo se apresentada uma candidatura do Bloco Operario e Campeões num manifesto do presidium do Partido. Quando só se podia esperar que a direcção do Partido viesse explicar qual a posição deste para com o Bloco, e'll-a a difundir uma maior confusão.

Depois da Resolução da I. C. na qual esta condemna o Bloco Operario e Campeões, só se podia esperar que na apresentação e propaganda desta candidatura se esforçasse a direcção para confessar os seus erros, para esclarecer os operários sobre a que se tratava de uma organização extinta por decreto da I. C., ou, em caso contrario, qual a sua differenciação do Partido, a sua posição relativamente a este, a significação da critica da I. C. e os novos rumos a seguir pelo Bloco, etc.

Ao contrario, porém, a direcção do nosso partido passa por cima de tudo isto, e persiste na confusão, aggravando a ainda mais, falando simultaneamente pelo Bloco e pelo Partido, emquanto o operario, que desconhece as tricas burocraticas do seu partido, pergunta attonito e desorientado, sem saber qual é dos dois o seu partido: Bloco Operario ou Partido Comunista?

FRANCISCO BAPTISTA CHAVES

Ha dois mezes mais ou menos, a policia politica prendeu diversos trabalhadores da industria alimenticia, que se tinham reunido, para tratar de reivindicações, simplesmente economicas.

A reunião era preparatoria, para a assembléa que se deveria realizar no syndicato da corporação — Centro Cosmopolita.

Entre os presos encontrava-se o companheiro Baptista Chaves, que não pôde supportar o "humano" tratamento infligido aos presos politicos pela "catholica" 4.ª Delegacia Auxiliar.

Acha-se este camarada em estado precario de saúde, necessitando, portanto, ausentar-se do paiz.

Alguns companheiros formaram um comité para angariar a quantia necessaria para a viagem de mais esta victima da luta de classes.

O Grupo Comunista Lenine, concorreu na lista n. 14 com a quantia de... e espera que todos os proletarios, independentemente de credo politico, auxillem o nosso consciente camarada.

le, levando sangue novo ao seu coração, queiram ou não queiram os burocratas scépticos ou exortados que garratolem a liberdade de opinião no Partido, que temem os improvisos perigosos das discussões ideologicas internas e que o unico signal de vida que ainda conservam aos militantes da base é o de baixarem á cabeça e catholicamente dizerem amém ás decisões que cabem de cima.

Pela unificação da opposição comunista

O putchismo, o burocratismo e o menchevismo arrastam ha dois annos, o nosso Partido para a sua perda, retiram a actividade dos seus membros e fastam do seu seio os elementos mais capazes.

A acção de todos estes comunistas expulsos, demittidos, afastados do Partido e a dos elementos de opposição que subsistem e se renovam nos seus quadros, têm porém, até agora se resentido da falta de unidade.

Existem elementos esparços combatendo isoladamente a direcção do Partido em certas e determinadas questões e que nem sempre se relacionam á apreciação errônea da situação brasileira por parte das espheras dirigentes do nosso Partido.

Estes elementos sem ligação, desconhecem-se uns aos outros no referente á apreciação das questões essenciais. Sem esta aproximação, envolvidos numa rede de intrigas e diffamações que a direcção do nosso partido fabrica, reduz-se ao mínimo o resultado do esforço destes camaradas em reintegrar o Partido na sua linha bolchevista leninista.

Os movimentos parcelados de opposição nos quadros do Partido e a dispersão dos elementos excluídos do Partido, ao contrario, facilitam a politica de saqueões, a obra desagregadora e scissionista da turma que se apossou do aparelho do Partido.

O Grupo Comunista Lenine, e o nosso jornal "A luta de classe" convidam todos os elementos dispostos a combater pela reintegração do Partido nos seus verdadeiros fins, a uma obra de aproximação que extinga esta dispersão no movimento opposicionista.

"A luta de classe" toma a iniciativa de preparar uma conferencia em que todos os grupos e elementos de opposição comunista, possam approximar-se, conhecer-se, sus-

tentar suas criticas e suas opiniões em relação á politica do Partido e as theses do 3.º Congresso, principalmente as referentes á situação politica nacional, á luta contra o imperialismo, ao trabalho do Partido nos syndicatos, á questão camponesa, ao Bloco Operario e Campeões e á Organização do Partido.

Da Conferencia, da aproximação de todos elementos de opposição comunista que adoptem uma linha verdadeiramente marxista, bolchevista-leninista.

Todo comunista compreenderá a importancia desta iniciativa para o movimento proletario e para a reintegração do Partido nos seus verdadeiros fins. O Grupo Comunista Lenine, que da Conferencia tem unicamente a iniciativa, convida todos comunistas dentro ou fora do P. C., em opposição á direcção do Partido e em discordancia com ella a participarem da Conferencia.

A Conferencia não deverá ser apenas um trabalho formal, uma simples adhesão ao nosso grupo.

A Conferencia será uma obra de informações, de esclarecimento, uma affirmacão consciente da vontade de luta tenaz contra a burocracia e contra todos os desvíos do pensamento revolucionario.

Pedimos aos camaradas que desejem participar da Conferencia a nos darem no prazo mais breve possível sciencia dessa resolução para que possamos prepará-la convenientemente e para que com sufficiente antecedencia recibam os resultados apresentados á conferencia para que tenham o tempo necessario para o estudo e para o pronunciamento consciente sobre ella.

Aceitamos desde já igualmente quaisquer suggestões a respeito, bem como as perguntas que nos queiramos formular sobre a conferencia.

Ainda o 1.º de Maio

A direcção do Partido lançou um manifesto em que procura explicar as razões do seu fracasso mais recente: "Porque não se realizou o 1.º de Maio". Em nosso primeiro numero, tivemos o ensejo de expôr as verdadeiras causas, que se resumem na politica dos dirigentes, tida ella baseada na ultima moda da massa. Sobre radicalização, "A Luta da Massa" publicou, no mesmo numero, um artigo do camarada Trotsky, por meio do qual tiveram os membros do P. C. B. a possibilidade de aprender o que a direcção trata quem a theoria revolucionaria é um espantalho nunca lhes ensinou, mas lhes impõe como um dogma.

Antes de entrarmos na análise do manifesto acima, queremos abrir um pequeno parêntese com preferéncia a um mais aspecto da publicação do nosso jornal: é que, em contraposição á vontade de aprender despertada nos operarios que nos leram, houve um augmento consideravel de velocidade, por parte dos ditentes, com respeito á fabricação de ascensas.

Irritram-se e estão se vingando. Desgraçadamente, são Marx e Lenine os que mais soffrem, e com elles o nosso Partido.

Como de praxe, o manifesto começa por uma série de lamentações que em nada justificam a humilhante derrota. As prisões de "30 operarios" e de "alguns" militantes muito pouco influiriam se a direcção do P. C., seguindo uma linha politica justa, tivesse sabido lutar, com a necessaria antecedencia, á agitação e á organização preliminar. Mas, preferiu, ficar com o seu "credo" da radicalização e com o mesmo esperar pelo milagre. Ora, acontece que a bitúria não marcha "miraculosamente" e

sim dialecticamente, como nos demonstraram Marx e Lenine.

E a consequencia foi o que todos vivram: o milagre não se appareou e a burocracia pôde levar a cabo a sua empreitada reaccionaria de desmoralização.

Cógos de vaidade, os homens da direcção chegam ao cumulo de dizer que o 1.º de Maio, ao contrario de ter sido um fracasso, serviu para demonstrar que a massa está "radicalizada" e "preparada" para a revolução agraria... "que já comecou!" (1)

Tão cynicas affirmacões não devem, aliás, causar extranharia, uma vez que, antes mesmo de sair o manifesto, já estava sendo espalhada a noticia de que, no local do comício e arredores, havia 5.000 operarios.

Em lugar de, á bolchevista, confessar os seus innumeraveis erros e estudar as verdadeiras causas desses erros, para logo traçar uma linha justa, rigorosamente marxista, a direcção trata de inverter os factos e lança a confusão, para poder continuar a ilusão e dominar a massa do Partido, a conquistar a "fama" exigida por seu cabotismo, e, consequentemente, prejudicar o proletariado em seus interesses de classe revolucionario.

Não se apresenta um argumento, não se expõe um facto: diz-se-se que "a revolução ali vem"; expulsa-se os militantes que não batem palmas nas ascensas commettidas ou procuram estudar a situação á luz do marxismo-leninista; por fim, quando surge um órgão de opposição que ameaça estancar a torção da imbecillidade recorrese á mentira deslavada, á detur-

(1) Artigo de Astroglido na "Correspondencia Sud-Americana".

Marx e a questão syndical

Hoje, mais do que nunca, é necessário voltar-se continuamente às fontes diretas do marxismo, para repór as questões mais importantes da luta política do proletariado nos seus devidos termos — nos termos marxistas. É o que fizeram Marx, Engels, Lenin.

A questão do syndicalismo no movimento proletário, das suas relações com os partidos políticos operários, vem sendo de tal modo deformada pela burocracia dirigente da I. C. e pelos arreganhos de restauração do antigo syndicalismo, morto com a grande guerra, que é de todo preciso procurar-se outra vez a base teórica do problema para em seguida se traçar uma linha política syndical — justa, nitidamente de classe. É o que agora pretendemos fazer, expondo simplesmente a verdadeira posição de Marx, em relação ao syndicalismo. É um extracto da resolução do Congresso de Ginebra da Primeira Internacional, a respeito dos syndicalistas, em 1886.

— Os syndicalistas, seu passado, seu presente e seu futuro.

a) Seu passado.

"A única potencia social do lado dos operários é a sua massa. Entretanto o poder da massa é enfraquecido pelos desacordos. A dispersão dos operários é creada e enredada pela concorrência inevitável entre elles."

"Os syndicalistas, em sua origem, nasceram de tentativas espontâneas dos operários.

"O fim immediato dos syndicalistas era, pois, limitado às reivindicações quotidianas, aos meios de defesa contra... as usurpações do capital, em resumo, às questões de salario e de tempo de trabalho. Esta actividade dos syndicalistas não é somente justificada, como necessaria...

"Por outro lado, os syndicalistas, sem tomar consciencia disso, se tornaram os centros da organização da classe operaria, como as municipalidades e as communas medievais o foram para a burguezia. Se os syndicalistas se tornaram indisciplináveis para a guerra de guerrilhas quotidianas, entre o capital e o trabalho, se tornaram ainda muito mais importantes como organisação que favorece a dissolução do proprio regime do salariato."

"E dizer-se que existe uma certa mentalidade... comunista, (17) no Brasil, que não se pela em afirmar que a revolução proletaria não carece de syndicalismo para vencer, que o valor das organizações syndicalistas na luta revolucionaria é secundario!"

b) Seu presente.

"Até o presente (isto é, 1886—N. R.) os syndicalistas tiveram unicamente deante dos olhos as lutas locais e immediatas contra o capital. Ainda não compreenderam a propria força no ataque contra o sistema do salariato escravista e o modo de produção actual. E' por isso que se conservam demasiadamente afastados do movimento social e politico geral. Entretanto, nestes ultimos tempos, parecem tomar consciencia de sua grande tarefa historica, e o que se pode concluir, por exemplo, de sua participação no recente movimento politico na Inglaterra (o charibismo, o primeiro partido operario dos tempos modernos—N. R.) e da decisão seguinte, tomada em Scheffeld, pelo ultimo congresso dos delegados Trade-Unionistas: a conferencia apreia altamente as aspirações da Associação Internacional (a 1.ª Internacional N. R.) de unir os trabalhadores de todos os países por um laço fraternal e commum e recommenda energicamente as diferentes associações representadas nesta conferencia tornarem-se membros desta corporação, convencida que está de que isto é necessario ao progresso e ao bemestar de toda a comunidade operaria."

"Isto é a resposta de Marx aos syndicalistas puro-sangue que têm ás vezes o ímpeto de invocar Marx em apoio do seu syndicalismo sem qualquer politica nem cheiro de classe. Como os tempos mudam! — o congresso trade-unionista recommendando energicamente a adhesão de seus membros à Associação Internacional, que tem hoje como successora a 3.ª Internacional, — a Internacional Communista!"

c) Seu futuro.

"Além dos objectivos visados primitivamente, os syndicalistas devem aprender agora a ser o centro de acção consciente da classe opera-

ria, para o bem maior de sua emancipação completa. Elles devem sustentar todo movimento social e politico visado este fim. Considerando-se como a vanguarda, como representantes de toda a classe, e agindo nesta qualidade, elles não podem fazer outra coisa senão fazer todos os que estão de fora dos syndicalistas entrar para as suas fileiras."

Elis ahí a verdadeira posição de Marx no tocante à essencia e à função dos syndicalistas. Esta resolução foi dirigida contra as tendências mais importantes da época: contra o trade-unionismo e contra o lassallianismo, isto é, a forma puramente politica da luta proletaria. Tendência esta a qual hoje infelizmente está tomando um grande incremento dentro das proprias fileiras da I. C. e, particularmente do nosso partido!

Para Marx, os syndicalistas são a forma, tirada directamente das condições sociais existentes, da organização do proletariado, como classe. O proletariado, como a única "classe verdadeiramente revolucionaria", tem por destino instituir o modo de produção socialista. Ora, Marx, no seu livro — Salarios, Preços e Lucros, chama aos syndicalistas de "alavanca para a emancipação definitiva das classes trabalhadoras". (E essa emancipação definitiva não é outra coisa do que livrar os trabalhadores das condições do trabalho assalariado, logo libertado do regime capitalista). Assim, pois, o proletariado, como classe, tem de lutar objectivamente pelo socialismo; e por isso Marx qualifica os syndicalistas (isto é — o modo mais directo do proletariado tomar a forma de classe) de "escola do socialismo". No seio dos syndicalistas, "os operários têm diariamente a luta deante dos olhos, uma luta que cada proletario se torna um socialista "sem saber", "sem suspicacia" que o está sendo. E precisamente que está, justamente, a diferença entre o syndicalista e o partido proletario, sendo este a consciencia de classe concentrada do proletariado, a sua vanguarda conscientemente revolucionaria. "Os communistas, diz Marx, no Manifesto Communista, são pois praticamente a parte essencial dos partidos operarios de todos os países, a que os empurra para a diante, vis-a-vis do resto da massa proletaria, elle tem theoreticamente o privilegio do conhecimento das condições, da marcha e dos resultados geraes do movimento proletario."

Assim, pois, para elle, o problema do communismo é o problema da minoria revolucionaria. Mas uma minoria que não é uma minoria qualquer, como o blanquismo, e má a minoria da classe operaria, e minoria que quer, que precisa e que não pode deixar de estar ligada a maioria da classe. Minoria que dirige ou pode dirigir de verdade a maioria, isto é — que é um authentico partido operario. E' foi pensando nisso que Marx, accentuando a diferença entre o syndicalista e o partido disse a Hamann, delegado da União Lassalliana dos operários de Metz, em 1869, "procurara, em Londres, numa conversação que depois se tornou famosa nos meios operarios europeus, especialmente alemães, e sobre a qual, em 1920, Lenin se baseou para elaborar a sua plataforma syndical:

"Todos os partidos politicos, quaisquer que sejam e sem excepção, são entusiasticamente as massas, passageramente, por um certo tempo, enquanto que os syndicalistas, ao contrario, ligam as massas operarias por largo tempo. São os únicos capazes de representar um verdadeiro partido operario."

Isto quer dizer que para Marx, "um verdadeiro partido operario" só o é, aquelle que é representado pelos syndicalistas; isto é, aquelle que é organicamente ligado aos syndicalistas, como organisação também de classe do proletariado, fructos do mesmo tronco, aquelle que, como minoria da classe, se apia sobre a maioria, e sobre ella exerce natural influencia.

Sob a direcção de Lenin, a I. C. adoptou esta concepção marxista das relações reciprocas entre o partido, o syndicalista e a classe.

Actualmente, porém, campela nas espheras burocraticas da I. C. uma tendencia a deformar esta concepção, dando-se no exagero o posto ao syndicalismo, tanto do

CONQUISTA DA ESCOLA

No regimen burguez a educação da criança resulta, obrigatoriamente, das suas relações com a sociedade; frequentemente, das relações com a familia; acidentalmente, das relações com a escola.

A criança burgueza tem o lar, a escola e a sociedade.

A criança operaria, raramente possui o lar e quasi nunca possui a escola.

E assim no Brasil, como assim é nas colonias e semi-colonias. Os estados imperialistas podem dar-se no luxo de oferecer a quasi totalidade da massa trabalhadora a migalha do alfabeto, da escrita e dos numeros. E' o que os americanos chamam "The three R's". Em tudo, a escola é feita instrumento de dominio contra a classe operaria.

O lar praticamente não existe para a criança proletaria. A escola lhe é negada quasi sempre. Restalhe a sociedade que, convenhamos, pôde ser tudo, menos ambiente favoravel á educação espontânea.

Mas a burguezia não pôde confessar que as coisas se passam assim. Dahi o empenho que mostra em se fazer crer capaz não só de realizar a escola educativa neutra, sob diferentes nomes, como ainda de alimentar a criança e chamar a "familia" taolin uononon "familia" trabalhadora para colaborar com os mestres. Mystifica apenas.

Não é com palavras que se desvia a marcha dos phenomenos economicos e sociais. Educação é riqueza e como riqueza não é bem commum na sociedade actual. Nem o será antes de que as riquezas materiais se sejam.

A classe operaria não deve alimentar illusões nesse sentido. A Escola do Trabalho, a Escola-Comunidade, a escola de facto, educativa, terá que ser conquistada e resultará da victoria final da classe obreira. O estado burguez não nos dará. Não nos podemos dar. Mesmo que pudesse não nos daria. Seria negar a si proprio.

U. T. G.

Temos em mãos a "Voz do Graphico" correspondente ao mez de Maio.

Pela colaboração inserta em suas columnas, vê-se logo que a nova direcção do orgão da União dos Trabalhadores Graphicos assume como a do syndicalista, este em a guisa de maneira a retomar a actividade que antes tinha e tantas victorias conquistara para a corporação.

O desanimo que se estava apoderando da maioria desses trabalhadores, vai desaparecendo e a Junta Governativa que está a frente da União, procura, cada vez mais, reconduzir esse organismo de classe, pelo seu verdadeiro caminho: o da luta intransigente em defesa dos interesses e direitos dos seus associados.

Uma prova frisante disso está na actividade desenvolvida, denunciando as autoridades municipaes e as demais empresas jornalísticas a burra feita pela "Critic" e o "Correio da Manhã" a lei do descanso dominical.

E tão acertadas e efficazes foram essas providencias e a attitude tomada pela União dos Trabalhadores Graphicos que outros jornales que estavam esperando o sinal para secundar a tentativa de anulação da lei, não levaram a effeito o seu intento.

O fructo da actividade da Junta overnativa verifica-se pelo elevado numero de companheiros graphicos que voltam ao seio do seu syndicalista, dispostos a trabalhar dentro do mesmo pela consolidação da obra syndicalista. Avante.

Brasilista é — no lassallianismo, procurando substituir-se a ligação organica, por assim dizer, subterranea, dos diferentes membros da classe, — syndicalista e partido — preconizada por Marx e restaurada por Lenin, por uma hierarchia burocratica dos aparelhos dirigidos, o syndicalista directo e autenticamente subordinado ao partido.

Nem, pois, a negação mecanica de toda ligação entre o partido e o syndicalista, como querem os syndicalistas; nem o predomínio automatico e formal do partido directivamente sobre o syndicalista, como o estão querendo os burocratas commodistas já enfierrujados no leme da politica proletaria, esquecidos, ambos, da phrase lapidada de Marx no seu Manifesto Immortal: toda luta de classe é uma luta politica.

Entre os tecelões da Fabrica de Tecidos Aurora

Trez ou quatro dias antes de 1.º de Maio, foram presos na Interior da Fabrica, os camaradas Julio Kennen, Americo Pedraso e Manoel Favares de Paulo.

Merecem ser conhecidos pela totalidade dos operarios do Brasil e especialmente pelos que trabalham na industria textil, o gesto de solidariedade de cincuenta companheiros da mesma Fabrica, que se cotizaram para custear um pedido de "habeas-corpus".

Collectada a quantia de 100\$000 e entregue ao Socorro Proletario, foi a medida judicial immediatamente requerida.

Porém, mais uma vez, a policia da ordem social empriu com o pretexto catholico "não mentir", afirmando ao Juiz Criminal não se acharem, os nossos companheiros, presos nas suas masmorras.

E os nossos companheiros foram presos até depois de 1.º de Maio.

E' habito, agir a policia politica desta forma, mesmo porque, a covardia moral dos juizes do regimen, assim o permite. São capazes de ductar, contra os interesses de sua classe, subordinam-se inteiramente ao poder executivo, representado pela policia e assim, não têm coragem de arejar os cubitos da Repartição de Policia, para soltarem aquelles que acham burras, contra as disposições legnes burguezas.

Porém o que mereceu nossa attenção neste episodio commum da luta de classes foi o facto de somente cincuenta operarios em um total de trezentos e cincuenta mais ou menos, isto é, a setima parte, terem consumido com a quota individual necessaria ao custeio de "habeas-corpus". A Fabrica de Tecidos Aurora, que ha pouco tempo era considerado um bairro revolucionario, porque reuniu uma tão pequena porcentagem de operarios, nesta acção tão primitiva de solidariedade? ou a razão?

Insufficiencia numerica ou ideologica da vanguarda dos operarios de Fabrica?

Achamos que esta ultima seja a mais provavel. O methodo applicado para a conquista do operariado da Fabrica tem sido o geralmente applicado pela maior parte da vanguarda do P. C. nos outros locais de trabalho. Não se conquista o companheiro pelo methodo da persuasão com a paciencia recommendada por Lenin na "Que fazer?". Adopta-se o sistema da "fé revolucionaria" si o companheiro oppõe a exposição da doutrina ou as palavras de ordens tacticas, qualquer objecção ou se recusa a cum-

AINDA O 1º DE MAIO

(Continuação da 1.ª pag.)

pação da verdade, á inversão deshonesta dos acontecimentos.

Como "attestado" da radicalização, os dirigentes coligem a custo uma série de pequenas collições de interesses das classes "coligadas" que sempre existiram, em todos os tempos e em todas as circumstancias) e as apresentam, cuidadosamente ordenadas, aos olhos pasmados dos que não acreditam ou não sabem explicar a ultima descoberta do seculo. De tudo isso se deduz que, segundo a compreensão dos nossos homens, a massa já surgiu historicamente radicalizada, podendo a qualquer instante, desde que o capitalismo appareceu sobre a terra, insurgir-se de armas na mão contra o regimen e instituir a sua ditadura. A massa ainda não fez isso porque teve preguiça, mas "radicalizada" ella sempre esteve...

Pretendendo justificar o desacerto da sua politica, desaccerto que se concretizou mais recentemente na comemoração do 1.º de Maio, a direcção decretou, para todos os membros do Partido aceitarem, que o proletariado estava na Praça Mauá. E transformou-o, desse modo, em "massa que ninguém não viu"...

O manifesto aproveita a oportunidade para fazer uma referencia a "escolha" do camarada de Paulo Lacerda como candidato á vaga de intendente. Registrando, ser communitarios, esta noticia, perguntamos: ouyvide uma só cellula do Partido que indicasse esse nome, depois de convenientemente debalido o assumpto?

Que a si mesmos respondem os operarios do P. C. e fiquem entao, com mais esta prova de constancia que os dirigentes dispensam aos organismos de base.

pril-as, julando as erradas ou inoportunas, immediatamente o companheiro propagandista ou membro do comitê do fabrica, usand os seus expressões, amarello, polidial, traidor, etc., colloca-o na lista negra. Ora, claro está, que em um proletariado atrasado, como o nosso, de mentalidade pequeno-burgueza, collocando as questões pessoais, as antipathias individuais acima dos problemas e das necessidades da collectividade proletaria, o operario atingido por tais offensas, sem uma consciencia offensa de classe, descamba naturalmente para um estado de resistencia passiva com relação aos interesses de sua classe, até que um agente do patronato, (como o fuão Castro do esqueleto syndicalista textil), o trabalha mansuamente e o conquista para as suas fileiras.

Fazemos estas observações, porque vemos actualmente alguns dos nossos ex-companheiros, pender para o outro lado. Mas, estamos certos que suas consciencias despertario ao ler este artigo e voltario ás fileiras da opposição communista de esquerda, onde deverio trabalhar sob a bandeira do marxismo-leninismo, pondo de lado as competições individuais.

E, quando a Reacção novamente, levar ás masmorras da 4.ª Delegacia Auxiliar, outros companheiros, veremos não cincuenta, mas toda a Fabrica, unida e cohesa, a lutar-se para a luta legal, paralyzando o trabalho e a legal, paralyzando o trabalho em signal de protesto contra as prisões dentro do estabelecimento fabril, contra o terror branco.

LIVROS

José Neves — Eu não gosto da Escola

O autor que passou alguns dias preso na 4.ª Auxiliar sob o regimen da fome deu-nos um livro mercedor de toda attenção.

E' uma obra recommendavel aos operarios, principalmente na sua ultima parte. A primeira interessa mais aos que se interessam pelos assumptos pedagogicos.

O autor faz a critica da Escola actual, mostrando-lhe os defectos e a impossibilidade de extrair-se do regimen capitalista. Si sob este aspecto é uma leitura instructiva e proveitosa para os operarios, é em seu todo de um interesse ainda maior e para os que se dedicam ao problema da educação. O autor illustra o trabalho com observações proprias. Com a experiencia de educador, aponta os defectos das nossas escolas e, como um dos principaes, a situação dos trabalhadores do ensino, reduzidos a condições precarias de vida, com salarios irrisorios que os obrigam a esforço excessivo e lhes tiram toda possibilidade de aperfeiçoamento cultural.

O autor propugna pela organização syndical dos trabalhadores do ensino e pela criação de cooperativas de ensino entre os professores como meio de facilitar a mercantilização do ensino.

VIDA DO JORNAL

As contribuições arrecadadas para a confecção do 1.º numero, foram as seguintes:

Lista	Importancias
1	25000
2	15000
3	63500
4	168000
5	145000
6	158000
7	68000
8	55000
9	108000
10	158000
11	335000
12	208000
Total	2208000

Todos os camaradas devem participar directa e activamente na vida do jornal, enviando mensalmente sua subscrição.

Devem fazer circular entre os camaradas, que os cercam, listas de auxilios.

Esta é a unica fonte de recolta postal ao nosso jornal. Auxilios nos! Excrcel-nos!

O ultimo serviço á Causa

A carta que se vai ler foi escrita pelo camarada A. Joffe, na noite do 15 para 16 de Novembro de 1927 e dirigida a Trotsky. A vida de Joffe, foi toda até ao seu ultimo minuto consagrada á causa da libertação do proletariado. Morreu aos 44 annos de idade. Occupou no Partido e no governo sovietico os postos de mais responsabilidade. Bolchevista desde 1907, foi, depois de uma longa deportação na Sibéria, Presidente do Conselho Militar revolucionario, em 1917, depois, tomou parte com Trotsky nas negociações de Brest-Litovsk. Em 1918 foi nomeado embaixador dos Sovietes em Berlim, dirigiu com Tchitcherine a commissão para as negociações com a Polonia e em seguida a delegação sovietica na Conferencia em Genova. Foi o primeiro embaixador sovietico em Pekim e depois no Japão. Foi quem assinou o tratado de paz entre o Japão e a União Sovietica, quem dirigiu em Schanghai (China) as negociações com Sun-Yat-Sen (o fundador do Kuomintang) e participou nas negociações entre a Inglaterra e a U. R. S. S.

Reduzido por uma polyevrite a uma invalidez quasi completa, impossibilitando-o de tomar parte activa nas lutas politicas de então, Joffe não viu outro meio de ainda servir á causa da Revolução — do que matar-se, dando á sua morte uma significação precisa de protesto contra a exclusão de Trotsky do Partido e o regimen de perseguição pessoal adoptado pela direcção na sua campanha contra o opposi-

ção. A sua carta foi encontrada logo após a sua morte sobre a sua mesa. Não chegou, porém, ás mãos do seu destinatario.

Os seus funeraes em Moscovo, no dia 19 de Novembro, tiveram um caracter commoveo. Apesar de realizados nas horas de trabalho, compareceram milhares e milhares de camaradas, camaradas do Partido, delegações do exercito vermelho, etc.

Tchitcherine falou oficialmente em nome do governo. Depois falaram então diversos camaradas da opposição. Rakowsky, entre outros, disse sobre seu tumulo: "elle pariu, quando comprehendeu que a sua suprema maneira de servir ao Partido". Foi o ultimo falante Trotsky que, no meio de uma emoção e dum silencio indizivel, terminou o seu adeus, dizendo: "Camarada, nós juramos de ir até ao fim sem trahir, sob as bandeiras de Marx e de Lenin!" — N. R.

A LEON TROTSKY

Caro Leon Davidovitch: Em toda a minha vida sempre pensei que o homem politico deve saber ir-se embora a tempo, como um actor deixa a scena, e que é melhor fazel-o cedo demais do que tarde demais. Adolescente, ainda verde, defendi firmemente a correção da conducta de Paulo Lafargue e sua mulher Laura Marx, quando suicidaram-se, o que tanto barulho fez nos partidos socialistas. E me lembro que repliquei imediatamente a Augusto Bebel, muito revoltado por este suicidio, que se é admittivel discutir-se, a idade escolhida pelos Lafargue (pois não se trata aqui dos annos mais da utilidade possivel do individuo), não se pôde em caso nenhum contestar o principio, para um homem publico, do deixar a vida no momento em que tem consciencia de não poder ser mais util á causa que seria.

Ha mais de trinta annos que fiz minha esta philosophia de que a vida humana só tem sentido na medida e enquanto está a serviço de um infinito que para nós é a humanidade, porque, sendo o resto limitado, trabalhar pelo resto é desprovido de sentido. Se mesmo a humanidade deve ter um fim, este sobrevirá então numa época tal que para nós, a humanidade não se considerada como um infinito absoluto. E se se tem como eu, fé no progresso, pôde-se muito bem conceber que, mesmo em caso de perdicão de nossa planeta, a humanidade encontre os meios de habitar outros mais jovens e prolongue por consequência sua existencia; e então, tudo que for feito em seu bem no nosso tempo se reflectirá tambem nos séculos longuissimos, quer dizer, dá á nossa existencia a unica significação possivel.

E neste, e neste sómente, que sempre vi o sentido da vida: e agora, abarcando com o olhar a minha vida passada, dos quasi 27 annos passados nas fileiras do nosso Partido, parece-me tenho o direito de dizer que durante toda a mi-

nhá vida philosophia, isto é, vivi segundo este sentido da vida: o trabalho e a luta pelo bem da humanidade.

Mesmo os annos do prisão e de carcere quando o homem é afastado da participação directa na luta a serviço da humanidade, não podem ser riscados da vida com um sentido, pois, sendo annos de preparação cultural e de autodidaxia, contribuíram para o melhoramento do trabalho ulterior, e por esta razão podem ser confundidos com os annos de trabalho a serviço da humanidade, tendo, portanto, um sentido. Civel ter o direito de affirmar que nesta acção, nem um dia da minha vida foi desprovido de sentido.

Mas agora parece, chegou a hora em que a minha vida perde o seu sentido e, por consequente, surge a obrigação de deixal-a, de dar-lhe um termo.

Ha varios annos que a direcção actual de nosso Partido, de conformidade com o seu methodo geral de não dar trabalho aos comunistas da opposição, não me designa nem trabalho politico nem trabalho sovietico, cuja envergadura e caracter me permittem ser útil no maximo de minhas forças. No ultimo anno, voz o sabe, o Bureau Politico me pôz, como opposicionista, completamente de lado de qualquer trabalho politico.

Por outro lado, provavelmente em parte devido á minha doença e em parte devido a razões melhor conhecidas de você do que de mim — não pude, este anno, participar praticamente do trabalho e da luta da opposição. Foi com um forte combate interior e, no começo, a contra gosto, que me resistei a esta forma de actividade que só esperarei aporrtar tornando-me completamente invalido: o trabalho litterario, cultural e pedagogico. Embora no começo achasse penoso, me entreguei decididamente a esta tarefa, esperando que ella continuasse a dar á minha vida a necessidade e a utilidade de que falei acima; só ellas podem a meu juizo justificar minha existencia.

Porém, minha saúde vem melhorando cada vez mais. Em 20 de setembro, por motivos de mim desconhecidos, a Commissão Medica do Comité Central me comissionou para um exame de professores especialistas e estes diagnosticaram um processo tuberculoso activo nos dois pulmões, uma miocardite, uma inflammação chronica da vesicula biliar, uma polyevrite chronica (inflammação multiplica dos nervos). Elles me disseram categoricamente que o estado de minha saúde era bom pelo que eu imaginava e que nem devia pensar em proseguir até ao fim nos meus cursos nos estabelecimentos de ensino superior (a Universidade de Moscovo e o Instituto de Orientalismo). Acrescentaram que pelo contrario seria mais razoavel renunciar a estes planos e não ficar inutilmente nem um dia a mais em Moscovo e nem mais um dia a mais sem tratamento e partito immediatamente para o estrangeiro, com destino a um sanatorio apropriado. Como esta viagem não podia ser preparada em dois dias, me prescreveram certos remedios e tratamento. Para obter-os, tinha que ir para a Polyeclinica do Kremlin durante algum tempo, até á minha partida.

A minha pergunta directa: "Que possibilidades tenho de cura no estrangeiro e posso me tratar aqui na Russia sem abandonar o meu trabalho?", os professores e os assistentes, o medico do Com. Central, camarada Abrossov, um outro medico comunista e o pessoal do hospital do Kremlin, A. Konarski responderam claramente que os sanatorios russos não podiam de nenhum modo curar-me e que eu devia contar com um tratamento no Occidente, pois até então nunca me tratára mais de 2 ou 3 semanas no estrangeiro; mas que agora elles insistiam justamente para que eu fizesse uma estadia de seis meses no minimo, sem tirar o maximo. Acrescentaram que conformando-me as prescripções d'elles, não duvidavam que se nos meus curasse radicalmente, no mesmo seria dado trabalhar por um periodo maior.

Durante dois mezes mais ou menos, nenhuma medida foi tomada pela Commissão Medica do Com. Central, foi ella entretanto que por sua propria iniciativa convocou a consulta em questão) relação a consulta á minha estadia

no estrangeiro como ao meu tratamento aqui. Ao contrario, a pharmacia do Kremlin que sempre me fornecera remedios pelas receitas, ficou interdita de fazel-o e eu fiquei, de facto, privado do auxilio gratuito dos medicamentos de que sempre usara. Foi obrigado a comprar os remedios da cidade (parece que isto se deu no momento em que o grupo dirigente do Partido começou a recorrer para com os emmuradas da opposição, á applicação do methodo: "fazer a opposição no ventre").

Enquanto, era sufficientemente valido para trabalhar, quasi não prestava attenção para isto, mas como o meu estado não parou de melhorar, minha mulher começou a trabalhar junto a Commissão Medica do C. Central, pela minha ida para o estrangeiro e pessoalmente, publicamente, elle abriu laucas para realizar a sua formula "salvaguardar a velha guarda". A questão era entretanto constantemente protelada e tudo o que poudo obter a minha mulher foi um resumo da decisão do conselho dos medicos. Neste resumo, minhas doenças chronicas eram enumeradas e ficava constatado que o Conselho insistia pela minha partida para o estrangeiro "num sanatorium do tipo do prof. Friedlander" e por um prazo podendo se prolongar até um anno.

No entanto, ha nove dias que me deitei definitivamente, devido á acuidade e á aggravação (como é sempre o caso) de todas as minhas doenças chronicas e sobretudo o mais terrivel, da polyevrite inveterada que tomou de novo uma forma aguda, me constrangendo a tomar um padecimento eterno, absolutamente intoleravel e andr, ficando á possibilidade de andar, com offeito, ha nove dias que estou privado de qualquer movimento e a questão de minha viagem para o estrangeiro não foi examinada. Nem um só dos medicos do Com. Central me viu. O prof. Davidenko e o dr. Levine, chamados á minha cabeceira, me prescreveram algumas insignificancias que eu não poderam naturalmente reconhecer em cousa alguma; mas reconheci-se então que não se podia fazer nada e que a situação se agravava e era indispensavel e urgente.

O dr. Levine disse a minha mulher que o negocio não andava por aqui a Commissão Medica pensava naturalmente que minha mulher haveria de querer fazer a viagem comigo e que "assim ficava muito caro". (Quando os camaradas que não são da opposição chamados, são enviados ao estrangeiro, e muitas vezes até com a familia, acompanhados de nossos medicos ou professores; eu me lembro de muitos desses; fui de minha cabeça que quando de polyevrite aguda, fui mandado ao estrangeiro, em companhia de minha familia, meu filho, e do prof. Konabi; então, ainda não existiam os costumes actualmente instaurados no Partido).

Minha mulher respondeu que me apesar do triste estado em que me encontrava, ella não pretendo absolutamente que eu deixasse ser acompanhado por ella ou por algum quem. Então, o dr. Levine garantiu que nestas condições a questão seria resolvida rapidamente.

Meu estado foi se aggravando e meus soffrimentos se tornaram em terríveis que reclamam emfina aos medicos que me dessem ao menos um allivio qualquer. O dr. Levine me repetiu hoje que os medicos nada podiam fazer e que a unica porta de salvação era a partida immediata para o estrangeiro.

Ora, á noite, o medico do C. Central, camarada Potomkin, avisou á minha mulher que a Com. Medica do Comité Central decidira não me enviar ao estrangeiro e de me tratar mesmo na Russia.

A razão era que os professores especialistas insistiam por um tratamento prolongado no estrangeiro, julgando que uma curta estadia aqui, e que o Com. Central só consentia a dar para a minha cura uma somma maxima de 1000 dollares (2000 rublos), dizendo ser impossivel dar mais.

Como você sabe, del do passado a nosso Partido outra coisa que um millhar de dollares, em todo caso mais do que custel ao Partido, desde que a revolução me pôz de todos os meios e que não posso mais me tratar ás minhas custas.

Mais de uma vez, editores anglo-

americanos me propuzeram, por pagamentos do "minhas memorias" (á minha escolha, com a unica exigencia que dissessem respeito ao periodo das negociações importantes sommas que subiam até a 20.000 dollares. O Bureau Politico sabe perfeitamente que sou bastante experimentado, como jornalista e como diplomata, para publicar uma só palavra sequer prejudicial ao nosso Partido e ao nosso Estado.

Elle não ignora tão pouco que fui muitas vezes censor no Commissariado dos Negocios Estrangeiros e que o fui para todas as obras russas editadas nos países onde Ha alguns annos pediu ao Bureau Politico a permissão para editar estas memorias, tomando o compromisso de entregar ao Partido todos os honorarios, pois me custa aceitar do Partido dinheiro para me tratar. Em resposta, fui prevenido por uma decisão do Com. Central, nos termos da qual "é formalmente prohibido aos diplomatas ou aos camaradas diplomatas publicar no trabalho suas reminiscencias ou fragmentos de memorias sem exame previo dos manuscritos pelo collegio do Commissariado dos Negocios Estrangeiros e o Bureau Politico do Comité Central".

Sabendo das irregularidades e das atrasos que seriam occasionados por esta dupla censura, resolvi em 1924 declinar de qualquer proposta. Encontrando, me recentemente offerta garantindo-me 20.000 dollares de honorarios.

Sabendo, porém, como entre nós se falsifica a historia de nosso Partido e da Revolução, não julgo possível emprestar o meu curso a uma tal falsificação, não duvida de que toda a censura do Bureau Politico (e os caracteres fazem questão do caracter pessoal das reminiscencias, isto é, sobre a caracteristica dos personagens que nella dessemelharam algum papel) consiste em não adjectivar uma justa apreciação dos personagens e de seus actos, nem destes nem daquelles, isto é, nem dos chefes authenticos da Revolução, nem dos dirigentes actuaes elevados a esta dignidade. Eu não acho possivel editar memorias senta do frente do Bureau Politico e por consequente não vejo meio de me tratar, sem receber dinheiro do Com. Central que, por todo o meu trabalho revolucionario de vinte e sete annos, acha razoavel saul'e numa somma não passando de 2.000 rublos.

No estado em que me acho actualmente me é evidentemente impossivel realizar um trabalho qualquer. Se, a despeito de soffrimentos infernaes, tivesse a força de continuar a serie de meus cursos, uma situação desta ordem exigiria serios cuidados: seria preciso me transportar por toda parte em "padola", me ajudar a procurar nas bibliothecas e nos archivos os livros e os materiais necessarios, etc.

De decorrer de minha ultima doença, tive á minha disposição todo o pessoal de uma embaixada; agora, segundo minha "categoria", não tenho nem mesmo o direito a um secretario particular. Além disso, a desattenção para commigo, que se tem dado provas nestes ultimos tempos, por occasião das minhas doenças (como agora, em que estou ha dias praticamente sem soccorrer e em que o tratamento electrico prescripto pelo prof. Davidenko não me é applicado), mostra que não posso contar nem mesmo com uma cousa tão elemental como um transporte em padola.

Mesmo se fosse tratado, se fosse mandado ao estrangeiro para a estadia indispensavel, minha situação continuaria critica no mais alto ponto: a ultima vez passei mais ou menos dois annos num estadia de polyevrite aguda, sem fazer um movimento; não tinha então outra doença a não ser esta e no entretanto todas as outras que contrahí depois suas consequencias desta; agora já me desobstruíram seis. Mesmo se podesse aqui por diante consagrar o tempo necessario ao tratamento, e se duvidosso que possa contar com uma prolongação útil de minha vida.

Agora então que se considera impossivel tratar-me seriamente (pois o tratamento na Russia, e segundo os medicos, sem esperança, e o tratamento no estrangeiro só por 2 mezes tambem o sendo) minha

vida perde todo o seu sentido, mesmo sem que se leve em conta minha philosophia esboçada acima. E' duvidoso que se possa admittir como necessaria uma vida passada em padecimentos incriveis, estando-se pregado numa cama sem movimento e sem possibilidade do revivimento e sem possibilidade de realizar um trabalho qualquer.

E é por isso que digo que o momento chegou em que é indispensavel por um termo a esta vida.

Conheço o opinião geral do Partido, contraria ao suicidio, mas supponho que todos aquelles que ficaram sabendo de minha situação não me condemnarão por isto. Além do mais, o professor Davidenko acha que a causa da revolução da minha polyevrite aguda foi a emoção destes ultimos tempos... Se estivesse com saúde, teria achado a mim a força e a energia sufficientes para lutar contra a situação creada no Partido, mas no meu estado actual, reputo insupportavel uma situação em que o Partido tolera silenciosamente a sua exclusão de suas fileiras, apesar do estar absolutamente persuadido de que, cedo ou tarde, haverá no Partido uma revolta que o obrigará a regeitar aquelles que o conduseram a uma tal vergonha... Neste sentido, minha morte é um protesto contra aquelles que revaram o Partido a uma situação tal que elle não possa de nenhum modo reagir contra este opprobrio.

Se é permitido comparar o que é grande com o que é pequeno, direi que a importancia immensa do acontecimento historico que é a sua exclusão e a de Zinoviev, expulsão que ha de abrir inevitavelmente um periodo thermidoriano na nossa Revolução, e o facto que me reduzem depois do 27 annos de trabalho revolucionario nos postos responsaveis do Partido, a uma situação, em que nada mais me resta a fazer do que metter uma bala na cabeça, estes 2 factos, como a dizer, illustram um só e unico regime do Partido.

Talvez que os dois acontecimentos, o pequeno e o grande juntos, produzirão o abalo que acordará o Partido e o fará para o caminho de revolta dar em Thermidor. Se este va-la fallir, se podesse acreditar, que assim será, pois não vejo, então, que não iria morrer em vão; entretanto, mesmo tendo a firme convicção de que a hora do despertar do Partido virá, não posso estar convencido de que ella ja tenha soado agora... Entretanto, não duvido apesar de tudo de que a minha morte hoje seja mais util do que a prolongação de minha vida.

Caro Leon Davidovitch, nos estamos ligados por 10 annos de trabalho commum e, ouso esperal-o, de amizade pessoal, e isso me dá o direito de lhe diser, no momento do adeus, o que em você me parece ser fraquias.

Nunca duvidi da justeza do caminho traçado por você, que se tornou durante mais de 20 annos de marcha commigo, desde a revolução permanente. Mas sempre pensei que lhe faltavam a inflexibilidade, a intransegurança de Lenin, sua resolução de ficar, sendo preciso, sóinho no caminho que reconheceu como certo, na previsão da maioria futura, do reconhecimento futuro, por parte de todos, da exactidão deste caminho. Você sempre teve razão politicamente, a começar por 1905, e muitas vezes lhe contel ter ouvido, com os meus proprios ouvidos, Lenin reconhecer que em 1905 não fara elle, mas você que tivera razão.

De fronte a morte não se monta, e o repli, agora de novo... No entanto muitas vezes renunciei você á sua rectidão em favor de um accordo, de um compromisso que sobrestimava. E' um erro. Eu o repli, politicamente sempre você teve razão e agora mais do que nunca. Um dia, o Partido o comprehendera e a Historia ha de reconhecê-lo.

Assim, não recio hoje se algum se separa de você, nem sobretudo se muitos não vem para o seu lado de depressa quanto nos todos o desejavamos. Você tem razão, mas a condição da victoria de sua verdade está precisamente numa stricta intransegurança na sua aversão rigidete, no repudio de todo compromisso, exactamente como isto foi sempre o segredo da victoria da Illiteh.

Por diversas vezes tive vontade de lhe diser isto, mas só agora me decido a fazel-o na hora do adeus.

Dois palavras pessoais. Atraz de (Continua no 4.º pag.)

O que dá e o que esconde o manifesto do camarada Prestes No caminho da seita

"Atual desenvolveu-se o 'Cavaleiro da Esperança' da burguezia. E logo foi rebatido pela imprensa burguezia que o endeusava, de 'general' a 'capitão', de 'chefe' da 'revolução' a 'apocaliptico' de Moscou. E' louco, e ingenuo, e truidor, e diáspaso. E como se a massa revolucionada já estivesse batendo na porta, liberais e conservadores, assustados e esquecidos das des-avenças, invocaram imediatamente a necessidade da frente unica, contra o inimigo common. A voz da classe falou mais alto que tudo registremos desde já este primeiro serviço prestado pelo manifesto. Agora e a nossa vez de falar. O manifesto não nos surpreendeu, amos porém desde já afirmando que não o subserveriamos; não é nem pretende, julgamos, ser comunista. E' por um passo á frente dando pelo ex-general da 'revolução'... burguezia. Neste sentido já merece que o tratemos de 'camarada'. Reconhecemos, pois, antes de entrar na apreciação do conteúdo, o que faremos mais adiante, embora ligeiramente, reservando-nos para em breve fazel o mais demoradamente, numa análise geral da situação brasileira que o G. C. L. pretende dar, do real esforço feito pelo Cam. Prestes para definir-se politicamente. O camarada reconheceu honestamente o erro da sua atitude anterior com que de aqui destas columnas o acusamos, e procurou tomar posição na luta das classes, sem se incomodar de sacrificar a popularidade, ou mesmo sabendo que a ficar abandonado pelos seus antigos companheiros.

Definindo-se, dando com isso um conteúdo social á idea ultra vaga e exclusivamente politica de revolução, com que a mistificação liberal vinha fazendo a sua pequena chantage politica, o cam. Prestes empurrou o pseudo-revolucionario, officiales e pequenos burguezes, para a direita, de onde nunca se deviam ter afastado.

Reputamos o manifesto um documento de transição. Sua insuportavel ideologia é manifesta. Muitas expressões, muitos logarismos burguezes ainda atраванos com um estilo do manifesto, em prejuizo da precisão marxista ('interezes nacionais', 'prejudicial ao país', 'independencia nacional', 'desenvolvimento industrial autonomo' etc., etc.). Discordamos da análise da situação brasileira dada por elle, e logicamente das perspectivas traçadas.

Levanta-se elle 'contra as duas vigas mestras que sustentam economicamente os actuaes oligarchas' — a grande propriedade territorial e o imperialismo americano (chamamos a atenção de todos os camaradas para este imperialismo, verdadeiramente super-imperialismo, uma das mais exdruxulas invenções theoreticas do nosso partido, que fere do frente não até a concepção Leninista como até á caricatura desta concepção bukháricense do imperialismo, hoje adoptada oficialmente pela I. C.). São ellas, segundo o manifesto 'as duas causas fundamentais da oppressão politica' e 'das crises economicas successivas em que nos debatemos' (até agora as crises economicas, segundo o abc do marxiano, eram inherentes ao sistema capitalista de produçáo e a sua periodicidade já tinha sido calculada na base da historia do desenvolvimento capitalista da propria Inglaterra, etc.).

O governo do Brasil é, no manifesto, um governo exclusivamente agrario e até feudal: parece até um decanato do Agrarismo e Industrialismo, já hoje uma verdadeira curiosidade historica, especimen unico e agora classico do formalismo óco e estéril, da escolástica absurda em que podem degenerar o materialismo historico e a dialéctica marxista, manejados por uma mentalidade anárquica ou mistica. 'O Brasil vive suffocado pelo latifundio, pelo regime feudal da propriedade agraria'. Toda a accção governamental politica e administrativa gira em torno dos interesses de Latés senhores... 'A verdadeira luta pela independencia nacional (?) deve, portanto, realizar-se contra os grandes senhores da terra e contra o imperialismo...'

Assim, não ha duvida, somos dominados por uma oligarchia feudal e agraria e pelo imperialismo, que impede a utilização de 'nos- sas riquezas naturais' etc. Como um bom paiz da America do Sul, o nosso problema é naturalmente,

exclusivamente agrario. Isto quer dizer que não ha desenvolvimento capitalista no Brasil e o papel predominante na economia brasileira pertence ao elemento feudal. Esse regime aliado ao imperialismo impede o desenvolvimento das forças productivas do paiz. Vivemos sob o jugo dos coronéis, donos da terra e sob o jugo dos banqueiros de Londres e Nova York. Da 'dependencia financeira' em que vivemos do imperialismo, decorre naturalmente o regime de exploração semi-feudal em que se desenvolve a nossa economia. Os capitães estrangeiros investidos na nossa produçáo provocam um crescimento monstruoso (?) de nossa vida economica (não pôde haver afirmacáo mais reacção) tendente unicamente a exploração das riquezas naturais, das fontes de materias primas, reservado o mercado nacional para a collocacáo dos productos fabricados nas metropoles imperialistas. A actividade desse capital só pôde, portanto, ser prejudicial ao paiz. (?) E' pois o que o manifesto chama de um Brasil 'veljas forças productivas' não sejam sugadas pelo imperialismo. Acha enfião que os capitães estrangeiros (veja bem— estrangeiros) investidos na nossa produçáo provocam 'um desenvolvimento monstruoso de nossa vida economica', sendo, portanto, 'a actividade desse capital' (isto é, capital estrangeiro) 'prejudicial ao paiz'. De tudo isso, se conclue a ausencia, ou quasi isso, do capitalismo no Brasil.

Ainda não houve nem ha entre nós o phenomeno da accumulacáo do capital especificamente capitalista. E como o capital estrangeiro é prejudicial ao paiz, e o seu aliado, a burguezia agraria, ditadora, todos os 'manifestos sinceros' (?) a quem o manifesto se dirige, 'especialmente (?) dirigi- do'. Assim a revolução que o manifesto 'propõe' e que é a unica 'válida util aos interesses nacionais' (?) é 'pela emancipacáo real' do Brasil que, 'pelas suas naturaes riquezas, pela fertilidade de seu solo, pela sua extensáo territorial, pelas possibilidades de um rapido desenvolvimento industrial autonomo (?) está em condições vantajosissimas para vencer'. Invantagem dizer que este 'desenvolvimento industrial autonomo' (que é mais um fructo do socialismo socialisimo-nacional, do socialismo num paiz só) é um desenvolvimento que não deve ser feito á custa do capital estrangeiro, mas de capital nacional, isto é, já accumulado no Brasil.

Dessa análise é que parte o manifesto para declarar uma luta de morte, total, contra — nomeadamente — os senhores da terra, fazendeiros, contra a burguezia agraria vilgo feudal, e contra o imperialismo. E' aqui que se revela, em toda a sua gravidade, a grande omissáo symptomatica do manifesto. (Que esta omissáo não seja consistente, o que acreditamos, não muda em nada a sua gravidade, e por isso mesmo chamamos a atenção para ella). Queremos nos referir á completa ausencia de referencia á burguezia nacional das grandes cidades, á burguezia industrial, á grande burguezia com- mercial e bancaria, que se nota no manifesto. Será possível que o autor do manifesto negue a existencia dessa burguezia?

Que para elle só exista a que vive da exploração da terra, de um lado e os catibezos directos do imperialismo do outro? Estará assim exgotada com esta enumeracáo toda a classe burguezia do Brasil? Riscou então do mappa economico do Brasil, S. Paulo, o Rio, os grandes centros urbanos, o litoral brasileiro? Será que considera o Brasil todo, do norte a sul, de leste a oeste, como ainda feudal e pre-capitalista? Não o queremos crer, mas queremos explicaçáo a respeito.

Alis, esta omissáo é confirmada na differença de radicalizacáo do programa de luta contra a burguezia agraria e o imperialismo, pela massa rural (isto é, quanto ás questóes concernentes a tal 'revolução agraria e anti-imperialista') do de luta pelo proletariado urbano. Enquanto a luta por aquella é total no seu radicalismo, a confiscação, nacionalizacáo e distribucáo de terras, enquanto a luta anti-imperialista é radical: confiscacáo e nacionalizacáo das empresas imperialistas, latifundios, concessões, vias de comunicacáo, serviços publicos, minas, bancos e na-

nullacáo das dividas externas; luta contra... aqui não se destina contra quem? pelo proletariado das cidades, se limita a que- rar apenas as mais necessarias e indispensaveis ao erypho é nos só reivindicacáo social: limita- çáo das horas de trabalho, protec- çáo do trabalho das mulheres e creanças, seguros contra accidentes, o desemprego, a velhice, a invalidez, a doença, direito de greve de reunita e de organizacáo'. E' noni uma palavra sobre o programa verdadeiramente proletario-socialista. Os donos de fabricas, de usinas, de incos de comunicacáo nacional não soffrem com estas reivindicacáo senáo umas ar- ranhaduras reformistas na sua epiderme. A desproporçáo entre os dois programas é assim evidente. Ao proletariado urbano cabe assim no final de parente pobre.

E' desherdado pela 'revolução agraria e anti-imperialista'. E' neste caso para que, pôde elle pre- guntar, 'o governo dos conselhos de trabalhadores das cidades e dos campos, dos soldados e marinhe- ros'? De facto, pela análise que é feita da situação e das perspecti- vas revolucionarias, este governo não é uma consequencia necessaria dellas. O seu encamamento, como conclusáo, foi forçado, foi só para attender a um postulado theo- rico do bolchevismo.

As perspectivas decorrentes desta análise, que traça o quadro de um Brasil ultra-primitivo, pre- capitalista, completamente gover- nado por uma 'oligarchia feudal' aliada e sustentada pelo imperia- lismo, impedindo o desenvolvimento de uma industria 'autonoma' e a expansáo de suas forças produ- ctivas, indicam, pelo contrario, que o paiz que se tende (embora inconscientemente) é — para a forma- çáo... de um capitalismo na- cional, tendo por base no campo a pequena propriedade ao lado das grandes empresas agricolas, e na cidade, a burguezia industrial, se- cundaria do governo, sob a forma politica democratica... ou fascista.

E' preciso que ninguém se iluda: ou o paiz não tem futuro, ou o factor decisivo no movimento, tem força sufficiente para, peijando por seus interesses, arrastar a massa cam- poneza, realismo pela tomada do poder a revolução 'agraria e anti-imperialista', ou o movimento fra- casso, e com elle a luta anti-im- perialista e a revolução agraria. O manifesto que se dirige quasi exclusivamente a massa campesina, 'especialmente' por intermedio dos 'revolucionarios sinceros' (isto é — elementos de fora da clas- se operaria, sem contacto com ella, hesitantes e inseguros) relega o proletariado urbano a um plano secundario. E' isto é feito deliberadamente, em virtude da maneira de encoriar as relações das classes no movimento revolucionario e a estrutura economica do paiz. O proletariado é a grande força motriz da revolução, qualquer que seja esta. Mas nos paizes semi-colonias e colonias nem mesmo o proleta- riado urbano, constituindo arcaico comisso toda a massa rural, pôde chegar ao triumpho decisivo. — A revolução brasileira, abandonada ao auxilio do proletariado victorio- so da U. R. S. S., do proletariado dos paizes imperialistas, sem a co- operacáo da revolução latino-americana está destinada a apenas dar mais vastas perspectivas... ao desenvolvimento capitalista no Brasil.

A revolução é proletaria, a revolução é internacional, ou a der- rota é certa.

O ULTIMO SERVIÇO A CAUSA

(Continuacáo da 3ª pagina)

min ficam uma mulher, uma filha doente e um rapazola mal adaptados a uma vida independente: Sei que nada pôde, voce fazer agora por ellas. Sob esse ponto não posso contar eua cousa, nem uma com a direcçáo actual do Partido.

Mas não tenho duvidas de que o dia não está longe em que voce ha de relomar o lugar que lhe é devido. Então, não se esqueça dos meus.

Eu lhe desejo uma energia e uma valentia eguaes ás de que tem dia- do provas até o presente, e a mais rapida victoria. Eu o abraço for- temente. Adeus.

Moscou, 16 de Novembro de 1927. A. JOFFE

A iliciedade para os partidos, sem massa, é não somente um impedimento formidavel no seu desenvolvimento como uma pro- vucáo constante. A iliciedade en- si já é uma provocacáo politica. O seu maior perigo consistiu na pressão formulavel que exerce não só sobre a accção do Partido em conjunto como sobre os seus mem- bros individualmente. O partido pôde sob o tucio da iliciedade, com a perda do contacto com a massa, transformar-se insensivel- mente numa seita de caracter re- ligioso. No usufructo do poder, como á visinhanca de um varioloso, o partido vive constantemente ameaçado do virus burocratico; a iliciedade, e o transviamento se- ctario o microbio mortal que o es- tancia no primeiro caso é o antiseptico poderoso da auto-critica applicado sem tapacáo e não apenas aos or- gãos de base e aos membros infe- riores, mas por todo o organismo, inclusive, sobretudo os órgãos su- periores, o aparelho dirigente; isto é, vehiculado pelo nrejamto sadio e vivificador da democracia interna.

Este antidoto tambem serve para o segundo caso.

E' até especifico, si se accrescen- tar uma super-alimentacáo ideolo- gica. Revitalizar as células revo- lucionarias da theoria marxista re- volucionaria. Sob a pressão per- manente de cima para baixo exercida pela iliciedade, o Partido se desloca na sua base de classe, des- via-se facilmente de uma linha po- litica justa, tenaz, forrosa e susti- nutivamente a reagir. Nessa reacçáo instintiva, mas inevitavel e neces- saria, é que está, porém, o perigo. Pois ella pôde trazer no seu boio o germen da revolta anarquista fermentado na 'cultura' do deses- pero e do isolamento. E' aqui que a consciencia marxista precisa do- minar os impulsos inconscitos e a espontaneidade de certos gestos reflexos. Contra isso, já em 1899, com os applausos de Lenine, o Gr. po da Emancipacáo do Trabalho, dirigido por Plekanov, reclamava 'uma atencáo concentrada para o lado theorico do movimento re- volucionario do proletariado'. E' a consciencia marxista generaliza- da no Partido o desdem pela theoria, sob o pretexto estúpido de que 'o momento não é mais para a theoria mas é de accção'. Como se fosse concebivel para um marxista essa disociação anti-dialec- tica da theoria e da accção! Os nos- sos chefes abraçados de impacien- cia pelo successo immediato, pelo desejo inconscito de se encarrapitar ao poder, seja com quem fór, prom- ptos para isso a mexicanisarem o Brasil, esqueceram-se assim da palavra de Lenine: 'sem theoria re- volucionaria não ha movimento re- volucionario'. A época em que Le- nine escreveu isto assemelha-se em muitos pontos a que ora estamos vivendo no Brasil. Que se veja: 'época em que embellecamento pelas formas mais primarias da accção pratica vae de par com a propaganda do opportunismo'. Aquel entre nós 'a propaganda do opportunismo' consiste no vago em que se conserva a massa quanto ao conteúdo da idéa de revolução, no uso e abuso que desta palavra se faz em certas rodas pequeno- burguezas, na palavra de or- dem Pela Revolução Agraria e anti-imperialista, na maneira de ex- por o processo revolucionario como uma série de etapas distinctas, separadas em compartimentos es- tanques, no modo de pôr o proble- ma das classes no movimento revo- lucionario, na sobre-estimacáo da pequena burguezia e na sub-esti- macáo do proletariado, na maneira obscura e imprecisa com que é exposto o problema da tomada do poder durante o movimento revo- lucionario com relação aos interes- ses especificos de cada classe, na análise economica e politica errada da situação brasileira, na applicaçáo falsa do estado de espirito das massas, na afirmacáo de- magogica da radicalizacáo, no op- timismo inconsciente e irresponsa- vel com que se julga a situação in- terna do Partido, no desleixo pela preparacáo ideologica e cultural dos militantes, etc., etc., etc.

E' por isto que repetimos com Lenine de que 'nunca se poderia insistir demais sobre esta verda- de', 'sem theoria revolucionaria não ha movimento revolucionario'. E para nós, da mesma maneira co- mo para 'a social-democracia rus- sa, em particular a theoria tem a importancia ainda maior' em virtude das mesmas 'certas condi- ções, por demais esquecidas' en-

numeradas por Lenine: 'primelra- mente, nosso Partido está ainda a se constituir, a elaborar sua phy- sionomia e está longe do erypho é (nosso) de ter acabada com as cor- rentes do pensamento revolucionario que ameaçam de fazer desviar o movimento. Desde de algum tempo, assistimos pelo contrario a uma re- nescencia das tendencias revo- lucionarias não social-democra- ticas, isto é, não comunistas, di- zemos hoje. Estas consideracáo se applicam quasi palavra por pala- vra ao nosso Partido. Está longe, muito longe ainda de ser um ver- dadeiro partido comunista. Tod- como está, só pôde constituir a im- pedimentos burocratas fossilizados.

Ainda está, pôde-se dizer, em for- macáo, a sua organizacáo é incipiente, seus organismos de base não têm vida, sua physionomia é impre- cisa, a sua consciencia ideologica embryonaria, e está longe de ter acabado' no seu selo 'com as ten- dencias revolucionarias não com- unistas'. A cousa mais confusa para um membro do nosso Partido é ainda hoje a propria idéa de re- volução!

A grande maioria delle ainda não assimilou a idéa marxista, isto é, scientifica da revolução. Para ella a revolução é uma imagem, remi- nisçencia de alguma estampa. Uma bandeira, uma bandeira vermelha, hymno revolucionario... (a Marelheza mesmo, serve) um tribuna fogoso de cabeleira, ao vento, uma multidáo de homens, mulheres, creanças arrebatados, armados de fuzis, pedras, facas, paus, um canhão heroicamente desmantelado, e do outro lado uma tropa de soldados em linha, fazendo fogo, etc. E sendo assim toda revolução assume as proporçáo de uma revolução. O levante do forte de Copacabana foi uma.

A revolução mexicana causa sem- pra uma secreta inveja e admiracáo aberta nos nossos comunistas. Gandhi em pessoa é um grande revolucionario para muito militan- te graduado do Partido.

O nosso Partido é, pois, em geral, composto não de comunistas, isto é, marxistas-revolucionarios, mas de revoltados, esquecidos da concepçáo de Lenine sobre o revolu- cionario que não é nenhum amador, nenhum temperamento á cata de sençóes fortes, mas um profissio- nal, um tecnico.

Dahl (d e s t a mentalidade) ao narodnikismo não são precisos dois passos. Assim o Partido vae sendo aos poucos reduzido a um campo de emulação para va- lentes.

A coragem physica, porém, não éapanagem de fanaticos, nem pôde ser marco delimitador da linha po- litica de alguém. (Nem é privi- legio de comunistas nem dever de ninguém. E' de todo homem normal, senhor de seus nervos e com os instinctos em dia. Simplesmente. Agora a 'coragem' politica da massa é que é resultante das suas maiores ou menores possibi- lidades de triumpho, dum certo estado de organizacáo, dum certo grau de consciencia politica. E- estas condições, sim, o Partido não só pôde como é seu dever primor- dial real-as, E que tem feito para isso a direcçáo do Partido? Nada.

Tem apenas usado para com a massa do Partido de uma pequena chantage que consiste, sem nenhum alianca politico, em pôr á prova a coragem individual do militante, do mesmo modo como se faz com os garotos quando se quer que ellos nos vão buscar alguma coisa: — se voce tem coragem, duvida voce ir alli naquelle quarto escuro e me trazer os chinillos.

Isto está errado. Isto é expór criminosamente o militante silen- cioso mas ingenuo do Partido á san- ta irresponsabilidade com a sorte e a propria vida dos militantes sem o menor proveito, mas com o maior prejuizo para o Partido. Ilude-se o Partido com esta pseudo agitaçáo revolucionaria, impalpante e nervo- sa, em que se vem masturbando até hoje. O de que o Partido precisa urgentemente é de militantes verdadeiramente instruidos e cons- cientes. A funcáo actual do Par- tido é preparar marxisticamente, revolucionariamente os melhores elementos da classe operaria, para que estes occupem os postos que lhes pertencem, arrancando das mãos incompetentes destes intel- ctuaes burocratas da direcçáo a chefia do movimento proletario comunista.